

1917-2017: Socialismo em debate

VALTER POMAR*

Resumo

Décadas depois da dissolução da URSS, qual a herança da Revolução Russa de 1917? Muito já se disse a respeito e muito continuará sendo dito, mas uma coisa é certa: enquanto existir capitalismo, a Revolução Russa continuará provocando paixões antagônicas.

Palavras-chave: Rússia; revolução; capitalismo; comunismo; imperialismo, esquerda.

Abstract

Decades after the dissolution of the USSR, what is the legacy of the Russian Revolution of 1917? Much has been said about it and much will be said, but one thing is certain: as long as capitalism exists, the Russian Revolution will continue to provoke antagonistic passions.

Key words: Russia; revolution; capitalism; communism; imperialism; left.



* **VALTER POMAR** é professor no Bacharelado de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC; Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo; coautor dos livros: *A Armadilha da Dívida* (2001), *O Brasil Endividado* (2000) e *Foro de São Paulo: construindo a integração latino-americana e caribenha* (2013). Autor dos livros *A estrela na janela* (2014), *Miscelânea Internacional* (2014), *A esperança é vermelha* (2014), *A foice, o martelo e a estrela* (2014), *Sabáticos* (2015), *A metamorfose* (2016), *Socialismo* (2016), *Contra o golpismo* (2017).



Começo este texto com um depoimento. Em 1986, eu trabalhava na Companhia Editora Joruês, onde era impressa boa parte dos jornais das organizações de esquerda com sede na cidade de São Paulo. (KUCINSKI, 1991). Por razões pessoais e profissionais, pedi demissão e comecei a tomar as providências necessárias para estudar artes gráficas, mais exatamente produção de embalagens, na República Popular da China.

Estava nesta lide, quando fui convencido a permanecer no Brasil, fazer aqui um curso de graduação em economia e trabalhar no recém-criado Instituto Cajamar (Inca), centro de formação política e sindical presidido por Paulo Freire e vinculado ao PT e a CUT (FRAGA, 2013). Aceitei o convite para trabalhar no Inca, onde fiquei até 1991, atuando nas áreas de pesquisa, recursos pedagógicos, publicações e formação política.

Então pude contribuir, de maneira muito modesta, na organização de um seminário internacional intitulado “70 anos de experiências da construção do

socialismo”, organizado pelo Instituto Cajamar por ocasião do septuagésimo aniversário da Revolução de Outubro de 1917.

O referido seminário foi realizado entre os dias 20 a 24 de novembro de 1987. As palestras e debates foram gravados, transcritos e publicados em um livro editado pelo economista Carlos Eduardo Carvalho. Intitulado *1917-1987: Socialismo em debate*, o livro foi lançado em agosto de 1988. Não foi reeditado.

O expediente do livro relaciona, além de Carlos Eduardo, as seguintes pessoas enquanto “colaboradores” da edição: Marco Aurélio Garcia, Marcos Piva, Rui Falcão, Valter Pomar e Wladimir Pomar. A “apresentação” do livro, assinada pelo setor de publicações do Instituto Cajamar, esclarece que “dificuldades impostas pelo governo brasileiro na concessão do visto diplomático impediram” a entrada no país, a tempo, do representante do Instituto de América Latina da Academia de Ciências da URSS. E a “coincidência de datas entre a realização

do Seminário e o 13º Congresso do PC Chinês impediu a vinda de estudiosos” daquele país (CARVALHO, 1988).

O livro traz, ainda, uma relação dos participantes do seminário, indicando além do nome e sobrenome, o cargo ocupado à época. A saber: Luís Inácio Lula da Silva (presidente nacional do Partido dos Trabalhadores), Luís Carlos Prestes (ex-secretário geral do Partido Comunista Brasileiro), Aloizio Mercadante (coordenador do departamento de estudos e pesquisas do Instituto Cajamar), Apolônio de Carvalho (membro do Diretório Nacional do PT), Benedito de Carvalho (ex-dirigente do PCB e ex-dirigente do Partido Comunista do Brasil), Camilo Domenes (subdiretor do Centro de Estudos da América, Havana), César Alvarez (membro do Diretório Regional do PT do Rio Grande do Sul), Clara Charf (membro do Diretório Regional do PT de SP), Claus Germer (militante do Partido dos Trabalhadores), Clovis Ilgenfritz (membro do Diretório Nacional do PT), Daniel Aarão Reis (historiador), David Capistrano (militante do PT), Eduardo Suplicy (membro do Diretório Nacional do PT), Emir Sader (historiador), Eneida Soler (presidenta do Sindicato dos Artistas do Estado de SP), Fúlvio Abramo (Diretor do Centro Mário Pedrosa), Gilberto Carvalho (presidente do Diretório Regional do PT do Paraná), Jacob Gorender (historiador, ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), Jair Meneguelli (Presidente da Executiva Nacional da Central Única dos Trabalhadores), José Dirceu (secretário-geral do Diretório Regional do PT de SP), Juan Valdez (chefe do Departamento de América Latina do Centro de Estudos da América, Havana), Leonardo Boff (teólogo franciscano), Lafaiete Santos

Neves (ex-presidente do Diretório Regional do PT do PR), Lúcio Jimenez (secretário-geral da Central Sandinista de Trabalhadores da Nicarágua), Luíz Favre (membro do coletivo da Secretaria de Relações Internacionais do PT), Luís Flávio Rainho (pesquisador do Centro Ecumênico de Documentação e Informação), Luíz Gushiken (deputado federal do PT), Marcelo Deda (deputado estadual do PT de Sergipe), Mário Barbosa (diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema), Marco Aurélio Garcia (diretor do Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp), Marcos Arruda (pesquisador e educador popular), Marco Piva (membro do coletivo da SRI do PT), Osvaldo Bargas (coordenador-geral do Instituto Cajamar), Paulo Azevedo (presidente do Sindicato dos Metroviários de SP), Paulo Vanuchi (assessor de formação política do Sindicato dos Metalúrgicos de SBC e Diadema), Paul Singer (membro da assessoria econômica do DN do PT), Pedro Tonelli (deputado estadual do PT do PR), Perly Cipriano (presidente do PT do Espírito Santo), Rui Falcão (secretário de formação política do Diretório Regional do PT de São Paulo), Selvino Heck (deputado estadual do PT do RS), Valter Pomar (membro do coletivo da Secretaria de Formação Política do PT de SP), Vicente Paulo da Silva (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de SBC e Diadema), Vito Letizia (historiador) e Wladimir Pomar (coordenador-geral adjunto do Instituto Cajamar).

A exposição principal sobre a experiência soviética foi feita por Jacob Gorender, Leonardo Boff e Vito Letizia. O debate sobre a experiência chinesa foi aberto por Wladimir Pomar e Benedito Carvalho, um dos participantes do Levante Comunista de 1935. O caso

cubano foi apresentado por Juan Valdez, seguido de comentários de Emir Sader e José Dirceu. A Nicarágua foi tratada por Lucio Jimenez e Marcos Arruda. Depois das falas principais, ocorreram debates, de que participaram grande parte dos presentes ao seminário.

Na edição do livro, me coube entre outras a tarefa de contribuir na redação de um pequeno texto resumindo a história da Revolução Russa. Reproduzo a seguir o texto, tal como foi publicado à época:

Foi na Rússia, em outubro de 1917, que pela primeira vez na história um partido socialista tomou o poder e deu início à construção de uma nova ordem econômica, social e política.

A causa imediata da revolução reside no impacto que a Primeira Guerra Mundial produziu na sociedade russa, que vinha acumulando uma série de contradições bastante graves ao longo de sua história.

A Rússia se manteve afastada do ciclo revolucionário que deu origem às sociedades burguesas na Europa Ocidental nos séculos XVIII e XIX. Na Rússia não apenas se manteve a servidão, como o próprio Estado feudal foi o agente da introdução do capitalismo no país.

A oposição à monarquia russa partia principalmente da intelectualidade que, influenciada pelos movimentos socialistas ocidentais e pelas tradições comunitárias do campesinato russo, fez desde cedo uma opção socialista. Eis o paradoxo do processo revolucionário russo: a oposição à monarquia era feita principalmente a partir de objetivos socialistas, enquanto a oposição liberal-burguesa permanecia frágil.

O movimento socialista russo divide-se em pelo menos dois grandes períodos. O primeiro, de 1850 a 1870, foi dominado pelos narodniks, que entendiam ser o caminho russo para o socialismo profundamente diferente do caminho ocidental. Eles viam no campesinato e na comuna camponesa as bases do socialismo na Rússia.

Essa posição foi afirmada numa série de debates com Marx e Engels. Bakunin, líder de uma das correntes do movimento narodnik, participou ativamente das polêmicas.

Os narodniks realizaram na década de 1870 dois grandes movimentos. O primeiro, chamado de Ida ao Povo, fez com que inúmeros jovens universitários se dirigissem aos camponeses, visando prepará-los para a revolução.

A derrota da Ida ao Povo fez com que parte dos narodniks recorresse a atentados terroristas contra os representantes do Estado monárquico. O mais importante deles foi uma bomba lançada contra o Czar Alexandre II, em 1º de março de 1881. A morte do czar detonou uma violenta repressão que liquidou o movimento.

Uma pequena parcela dos narodniks, que se recusara a adotar o terrorismo individual como forma de luta, funda em 1883 o grupo Emancipação do Trabalho, dando início ao segundo período do movimento socialista russo, dominado pelo marxismo.

Essa virada ocorre pouco antes de a classe operária russa surgir como força independente, a partir das primeiras greves de importância, na década de 1890.

Submetida à intensa exploração e concentrada em pequeno número

de centros industriais, esta classe operária logo ganhará uma importância política desproporcional ao seu reduzido peso numérico.

A união da vanguarda do operariado com a intelectualidade marxista dará origem, no final do século, às primeiras tentativas de constituir o Partido Social-Democrata Russo, fundado afinal em 1903. A intensa luta interna será uma das características marcantes da social-democracia russa e se faz presente inclusive no congresso de fundação, que cindiu o partido em duas alas: os bolcheviques (maioria) e os mencheviques (minoria).

Em 1904, a Rússia imperial acaba derrotada na guerra contra o Japão.

Em janeiro de 1905, uma manifestação operária pacífica em Petrogrado, para reivindicar do czar melhores condições de vida, é reprimida violentamente pelas tropas imperiais, dando início a um movimento revolucionário bastante amplo.

A Revolução de 1905 é considerada um ensaio geral da Revolução de 1917. Nela se conjugam as vertentes que levaram à destruição do império czarista dez anos depois: a luta socialista da classe operária, as reivindicações democráticas de amplas parcelas da população, em especial a reivindicação de posse da terra pelo campesinato e o complexo problema das nacionalidades. Neste movimento surge pela primeira vez os sovietes, organismos de auto-organização e representação direta dos trabalhadores, que irão reaparecer em 1917.

Com a derrota da revolução, as classes dominantes tentam modernizar o país, sem sucesso, enquanto no interior do movimento

social-democrata trava-se agudo debate sobre a estratégia da revolução, em que se cristalizam as posições de bolcheviques e mencheviques. Ambos entendiam que a revolução russa era uma revolução democrático-burguesa. Contudo, enquanto os mencheviques propunham uma política de aguardar o amadurecimento das condições para o socialismo, os bolcheviques entendiam ser necessário tomar a iniciativa na revolução democrático-burguesa para transformá-la o mais rápido possível em revolução socialista.

O envolvimento do Império Russo na Primeira Guerra Mundial revela a sua incapacidade de suportar as tensões sociais e políticas a que o conflito submete a sociedade russa. Como em 1905, o agravamento das tensões sociais leva a um processo revolucionário.

Em fevereiro de 1917, uma comemoração operária pela passagem do Dia Internacional da Mulher evolui para uma insurreição espontânea, que ganha a adesão do exército e provoca a abdicação do czar e a proclamação da república.

A classe operária fez a revolução, mas o governo provisório da república é dominado por uma coalizão de partidos burgueses apoiada pelos sovietes, organismos revolucionários de massas recriados com base na experiência de 1905.

Em abril de 1917, o Partido Bolchevique decide lutar contra o governo provisório. Seus lemas são: paz, pão e terra. Petrogrado, maior concentração industrial, capital da Rússia, é o epicentro da Revolução.

Em julho de 1917, manifestações de operários e soldados são reprimidas pelo governo

provisório, que prende parte da liderança bolchevique. Apesar de considerar prematuras estas manifestações, os bolcheviques colocam-se à frente delas, optando por permanecer ao lado das massas num momento decisivo, atitude que, meses depois, será fundamental para assegurar a liderança do partido sobre a maioria dos soviets, às vésperas da revolução.

Em agosto, a direita tenta um golpe, utilizando para isto as tropas do General Kornilov. A participação dos bolcheviques na derrota dos golpistas dificulta a repressão que o governo provisório vinha lhes movendo e reforça ainda mais a sua liderança.

Confirmada a sua maioria, os bolcheviques, após intensa polêmica interna, passam a organizar uma insurreição militar, sob o lema de “todo poder aos soviets”. Na noite de 6 para 7 de novembro (ou, segundo o velho calendário russo, na noite de 24 para 25 de outubro), os bolcheviques, com o apoio da ala esquerda do Partido Socialista Revolucionário, derrubam o governo provisório e tomam o poder. No II Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, que se realizava naquele dia, é eleito um Conselho dos Comissários do Povo. Lênin ocupa a presidência. Trotski é o comissário para Negócios Estrangeiros. Stálin é o comissário para as Nacionalidades.

O primeiro objetivo do governo soviético é a paz. Em março de 1918 é assinado com a Alemanha o tratado de paz de Brest-Litovsk. Logo em seguida inicia-se a guerra civil. Os latifundiários e a burguesia, apoiados pela intervenção militar das nações imperialistas, buscam derrubar o governo bolchevique. Nesta luta os

contra-revolucionários contam com o apoio da direita do Partido Socialista Revolucionário (que fazia parte do governo provisório derrubado pela revolução) e de setores do Partido Menchevique (que era contra a tomada do poder).

O governo bolchevique vence a guerra, que durou até 1921. A situação econômica e social é gravíssima. A aliança operário-camponesa está às vésperas do rompimento. Em março estoura uma revolta na base naval de Kronstadt. Ao mesmo tempo em que reprime a revolta, o governo soviético adota a Nova Política Econômica (NEP), que incentiva o retorno a certas práticas capitalistas e permite uma retomada econômica. Num primeiro momento a NEP reestabelece a aliança operário-camponesa e eleva o nível de vida da população. Em seguida, contudo, os conflitos entre a cidade e o campo, entre camponeses e operários, retornam com força redobrada.

A luta interna sobre os caminhos a seguir é agravada pela morte de Lenin em 1924. Com o esgotamento dos soviets e a dispersão da classe operária de 1917, a disputa sobre os rumos da revolução passa a ser travada no reduzido círculo dirigente bolchevique.

Divergências sobre a política econômica a seguir, sobre a via de construção do socialismo, sobre a política internacional, entre outras, provocam seguidas crises no Partido Bolchevique. O desfecho ocorre em 1929, com a adoção do I Plano Quinquenal: uma política de coletivização forçada e de industrialização a todo custo. As condições em que esta política foi implantada levaram a um violento conflito entre o campesinato e as forças do governo.

A partir de 1934, milhares de quadros do Partido são afastados de suas funções. Em seguida, nos Processos de Moscou (1936-1938), dezenas de dirigentes históricos são condenados à morte sob falsas acusações. É curioso observar que os métodos da luta interna contradiziam em tudo os princípios da Constituição Soviética de 1934, considerada a mais avançada do mundo.

Em 1941 a União Soviética é invadida pelas tropas nazistas. Na primeira fase da guerra sofre derrotas devastadoras que chegam a por em risco a sobrevivência do Estado Soviético. A luta contra a invasão, baseada na capacidade de resistência do Estado socialista, nos recursos naturais e econômicos da URSS e na firme resistência popular à invasão, permitiram a reação. Os exércitos soviéticos ocupam Berlim em 1945, coroando sua participação decisiva na vitória sobre os nazistas.

O breve período de paz entre as nações vitoriosas é seguido pela guerra fria. Internamente, volta-se a adotar a repressão contra qualquer tipo de oposição, mas não há condições políticas que sustentem o retorno ao terror. A morte de Stálin (1953) serve como catalisador do processo de redemocratização política do país, abrindo-se um período de instabilidade que tem seu grande marco no XX Congresso do PCUS, em 1956, quando o então primeiro-secretário, Nikita Kruschov, lê um “relatório secreto” denunciando o culto à personalidade e os crimes contra a legalidade socialista cometidos e incentivados no período de Stálin.

Kruschov é deposto em 1964, sendo substituído por Leonid Brejnev, representante da ala mais conservadora do partido e que fica no poder até 1982. Neste momento,

os impasses da economia e da política soviéticas motivam o questionamento dos conservadores. Com a ascensão de Mikhail Gorbachov ao cargo de secretário-geral, em 1985, a direção do partido adota os programas de reformas estruturais conhecidos como *glasnost* e *perestroika*”.

Ler o livro e recordar as polêmicas do seminário promovido há trinta anos pelo Instituto Cajamar suscita diversas questões, entre as quais a sensação de um “debate interrompido”.

Debate interrompido pela ofensiva neoliberal; pela capitulação de grande parte da socialdemocracia europeia e do nacional-desenvolvimentismo latino-americano; pelo colapso da União Soviética e do tipo de socialismo que havia no Leste Europeu; e pela crise do movimento comunista. Debate interrompido, também e paradoxalmente, pelos êxitos relativos da esquerda brasileira, com destaque para o PT, que em 1988 foi o grande vitorioso das eleições municipais e em 1989 quase venceu, com Lula, as eleições presidenciais (POMAR, 2014).

Quando a Revolução de Outubro comemorou seus 80 anos (1997) e seus 90 anos (2007), havia deixado de existir uma parte importante do mundo sobre o qual discutimos no seminário “70 anos de experiências da construção do socialismo”. E muitas das questões que então havíamos debatido, deixaram de ser ou deixaram de parecer essenciais, pelo menos aos olhos de muita gente.

Nos últimos dez anos, a situação mudou novamente. A partir da crise mundial de 2008, estamos assistindo a um (com o perdão da “licença poética”) “movimento *vintage*”: muitas daquelas antigas questões voltaram a ser ou pelo menos voltaram a parecer ser essenciais.

Sem dúvida isto tem relação, não com o alinhamento das estrelas, mas com a impressionante concentração de efemérides. No espaço de dez anos, entre 2014 e 2024, chegam ao centenário: o começo e o fim da Primeira Guerra; a Revolução de Fevereiro e a Revolução de Outubro de 1917; a Revolução Alemã de 1918; a criação da Internacional Comunista, a fundação do Partido Comunista da China e do Partido Comunista do Brasil; o assassinato de Rosa Luxemburgo e o falecimento de Lenin. Além dos duzentos anos de nascimento de Karl Marx e a publicação de livros clássicos como *Imperialismo, etapa superior* e *O Estado e a Revolução*, ambos de Lênin.

Mas para além do “efeito efeméride”, a retomada do interesse no debate sobre o socialismo em geral e sobre a Revolução Russa em particular tem outras causas, que citaremos a seguir.

Em primeiro lugar, porque vivemos um cenário internacional que possui algumas semelhanças com o que ocorreu no início do século 20: o declínio da potência hegemônica, a ascensão de novos polos de poder, o acirramento das contradições intercapitalistas, a importância do capital financeiro e do imperialismo. Malgrado as óbvias diferenças, o ambiente de 2017 lembra em vários aspectos aquele que desembocou na Primeira Guerra Mundial (CLARK, 2014).

Vivemos um momento de profunda crise mundial. Momentos assim tornam inescapável certa “volta aos clássicos”. E a Revolução Russa de 1917 é um caso clássico, do ponto de vista dos que estudam a dinâmica do capitalismo e de suas crises. Um caso tão clássico quanto o da Revolução Francesa de 1789, do ponto de vista dos que estudam a

dinâmica do feudalismo e de suas crises (HOBSBAWN, 1990).

Em terceiro lugar, porque a crise de 2008 e o que veio depois colocaram com extrema força e urgência o debate sobre o capitalismo, sobre as crises de acumulação, sobre o capital financeiro, sobre o papel do Estado, sobre o imperialismo e as guerras. Temas sobre os quais há contribuições relevantes feitas pelos revolucionários russos, como Bukharin e Lenin, antes e depois de Outubro de 1917 (POMAR, 2007).

De maneira mais geral, a análise marxista sobre o capitalismo voltou à moda (CALLINICOS, 2014). Análise que sempre foi muito cara para as diferentes tradições socialistas existentes na Rússia – anarquistas, populistas, socialdemocratas e comunistas, que dedicaram grande energia ao debate acerca do modo de produção capitalista, em particular a discussão sobre seu desenvolvimento e crises (CLAUDIN, 1974).

A história é conhecida: logo depois da primeira edição de *O Capital*, foi publicada uma tradução em russo. A situação excêntrica do Império Russo, um pé na Ásia e outro na Europa, um pé no feudalismo e outro no capitalismo, um pé no atraso e outro na modernidade, obrigou os pensadores russos de todos os matizes a se debruçar sobre a relação desigual entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento político, a dialética entre os diferentes tempos e conteúdos da (re)evolução política e da (re)evolução econômico-social.

Em quarto lugar, porque a tradição socialista vitoriosa na Revolução de Outubro (os socialdemocratas da fração bolchevique, que em 1918 adotaram o nome de “comunistas”) investiu grande parte de suas energias no debate sobre o

papel do proletariado na luta pela democracia e pelo socialismo.

Num país onde o proletariado era uma parcela diminuta da população, isto implicou em debater *de maneira integrada* a relação entre “proletariado” e “campesinato”, entre “cidade” e “campo”, entre “partido e classe”, entre “teoria” e “prática”, entre “ditadura” e “democracia”. Questões que certas tradições acadêmicas tentam abordar fragmentariamente, como “objetos” particulares da economia, da sociologia, da política, da cultura, da história etc.

Cem anos depois, acompanhando a difusão do capitalismo, a maior parte da população trabalhadora mundial é assalariada. Um proletariado que continua compartilhando a exploração capitalista com outra classe, a dos trabalhadores pequenos proprietários. Um proletariado que se tornou mais universal, mas não se tornou mais homogêneo: tanto mundialmente quanto em cada país, segue composto por diferentes frações econômico-sociais (por exemplo: operários e *não* operários), atravessado por conflitos nacionais, étnicos, de gênero, geracionais, culturais e religiosos. Características que fazem com que o debate sobre as formas de luta e de organização, de comunicação e cultura, especialmente a necessidade de partidos políticos “de novo tipo”, ganhe novamente grande importância no debate político contemporâneo. E como fazer este debate, sem reler o que disse, por exemplo, Lênin? (JOHNSTONE, 1985)

Há cem anos, como hoje, muitos socialistas lamentavam a divisão nas forças da esquerda, as traições, as vacilações, o ambiente de confusão e divisão existente na classe trabalhadora. E deduziam daí que a revolução

socialista seria adiada por muitos anos e décadas. Mas há outra semelhança fundamental entre hoje e a situação há cem anos: as crises do capitalismo e suas decorrências políticas e sociais, entre as quais a obscena desigualdade (PIKETTY, 2014). “Voltar aos 17” é também buscar descobrir que condições objetivas e subjetivas fizeram com que uma situação de “defensiva estratégica” fosse convertida numa “ofensiva revolucionária” que marcou a história do século XX.

Para os que vivemos na América Latina e Caribe, há mais uma causa que explica a retomada do interesse no debate sobre o socialismo em geral e sobre a Revolução Russa em particular. Desde 1998 até hoje, vários países da região são governados por partidos que pretendem estar construindo o socialismo ou, pelo menos, caminhando em direção a ele. Isto produziu uma retomada do debate sobre a transição socialista, debate que na América Latina e Caribe é temperado pelos pontos de contato que existem entre o populismo russo do século XIX e a “esquerda populista” do século XXI.

Os populistas russos, ao menos em sua versão clássica, acreditavam que seria possível construir o socialismo sem passar pelo capitalismo, tomando como ponto de apoio as tradições coletivistas do campesinato russo. Lênin iniciou sua trajetória política combatendo esta teoria, mas o curso dos acontecimentos o levou a capitanear um experimento que foi considerado, por alguns de seus adversários no movimento social-democrata, uma variante do “populismo”. Posteriormente, todas as chamadas revoluções socialistas do século 20 ocorreram em países em que o capitalismo estava pouco desenvolvido. Recolocando novamente a questão: quais os vínculos entre a

construção do socialismo e o desenvolvimento do capitalismo, nos planos da economia, da sociedade, da cultura e da política?

Responder de forma sólida a esta questão supõe revisitar o debate sobre a Revolução de Outubro, sobre o processo de construção da União Soviética, sobre as concepções e as práticas do movimento comunista ao longo do século 20. Debate que está sintetizado em expressões como: “transição”, “socialismo”, “socialismo real”, “ditadura do proletariado”, “estado operário burocraticamente degenerado”, “capitalismo de Estado”, “modo de produção asiático”, “stalinismo”, “totalitarismo”, “social-imperialismo”. Debate que está diretamente relacionado com as diferentes caracterizações que se faz, hoje, acerca da República Popular da China.

Encerro este texto como iniciei: com um depoimento pessoal.

No final de 1991, televisões de todo o mundo transmitiram a cena: pela última vez desde então, a bandeira da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas desceu o mastro onde estava hasteada, no Kremlin. Desmoralizando as previsões dos teóricos do “totalitarismo”, a URSS caiu devido à suas próprias contradições internas.

No mundo inteiro, no Brasil e no PT, foram tempos para lembrar que, como tantas outras obras humanas, a Revolução Russa de Outubro de 1917 fora carregada de tragédias e crimes, lama e sangue, dor e violência, imperfeições e debilidades. E que nenhum processo histórico deve ser considerado irreversível.

Mas foram tempos também para defender, em certos momentos contra quase tudo e contra quase todos, que diferente de outras obras humanas, a

Revolução Russa de Outubro de 1917 fora um esforço titânico para materializar os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. Metas algum dia compartilhadas pela burguesia, mas que desde há muito constituem parte do legado e patrimônio da classe trabalhadora.

Hoje, décadas depois do fim da URSS, parece mais evidente que a contribuição global da Revolução de Outubro de 1917 para a humanidade foi positiva. “Convicção” que pode ser sustentada com inúmeras “provas”, entre as quais a contribuição que a Revolução deu para a luta pelos direitos iguais para as mulheres; para a batalha por políticas públicas de saúde, educação, cultura, esportes, habitação e transporte; para a adoção do planejamento econômico; além da contribuição, direta e indireta, para a luta contra o imperialismo, o colonialismo, o racismo e o nazismo, a luta a favor da paz. E também, acima de tudo, a tentativa de superar o capitalismo e iniciar a transição socialista em direção a uma sociedade comunista.

Neste ano de centenário, milhões de pessoas vão perguntar novamente: *qual a herança da Revolução Russa de 1917?*

Repito aqui, para concluir, o que escrevi numa “Agenda” (FONT, 2016) dedicada à Revolução: “Cada geração constrói sua própria opinião acerca do passado. Mas uma coisa é certa: enquanto existir capitalismo sobre a face da Terra, a Revolução Russa continuará provocando paixões antagônicas. De um lado, os que a consideram a materialização do mal. De outro lado, os que a consideram um momento fundamental da luta para libertar a humanidade de todas as formas de opressão e exploração. Cabe

aos trabalhadores e trabalhadoras do século 21 decidir qual será a herança da Revolução Russa de 1917. Esperamos que sigam o exemplo do proletariado russo, ao comemorar o aniversário da Comuna de Paris de 1871: inspirar-se no heroísmo, aprender com os erros, preparar os próximos triunfos”.

Referências

Livros

- CALLINICOS, Alex. *Decifrando O Capital*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2017 (no prelo)
- CARVALHO, Carlos. *1917-1987: socialismo em debate*. São Paulo: Instituto Cajamar, 1988.
- CLARK, Christopher. *Os sonâmbulos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CLAUDIN, Fernando. Escritos econômicos (1893-1899): presentacion general. In: LENIN, V.I. *Contenido econômico del populismo*, 1974. p. 1-55.
- FONT, Emilio; POMAR, Valter. *Agenda 1917-2017*. Editora Página 13: São Paulo, 2016.

HOBSBAWN, Eric. *Ecos da Marselhesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

JOHNSTONE, Monty. Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda” In: HOBSBAWN, Eric. *História do Marxismo*, volume 6. São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 13-43.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

POMAR, Valter. Capitalismo, imperialismo e relações internacionais. In: FRATI, Mila. *Curso de formação em política internacional*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2007.

POMAR, Valter. *A metamorfose*. São Paulo: Editora Página 13, 2014.

Tese

FRAGA, Vitor Martins. Educação política popular na transição democrática no Brasil: anos 1978-1989. 2013. 120f. Tese (Doutorado). Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2013.